



Estudo-Piloto e Ateliê Biográfico de Projeto: rodas de conversa com estagiários(as) de música

Comunicação

Mônica Luchese Marques
Universidade do Estado de Santa Catarina
monica.luchese@ufma.br

Teresa Mateiro
Universidade do Estado de Santa Catarina
teresa.mateiro@udesc.br

Resumo: Esta comunicação tem o objetivo de apresentar o estudo-piloto realizado em uma pesquisa de doutorado em andamento e discutir sua importância no processo de validação e testagem dos procedimentos de coleta de informações escolhidos pela pesquisadora. A partir da discussão sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa de Godoy (2005) e do conceito e importância do estudo-piloto de Canhota (2008) descrevemos as etapas de construção de um Ateliê Biográfico de Projeto (DELORY-MOMBERGER, 2006) com um grupo de estagiários(as) de um curso de Licenciatura em Música. Esse contato preliminar permitiu a reflexão sobre modificações realizadas no procedimento de coleta de informações e na postura da pesquisadora em atuação no campo empírico no desenvolvimento de uma pesquisa-formação. A análise demonstrou a contribuição do estudo-piloto à pesquisa e sua influência nas tomadas de decisões da pesquisadora. Pretendemos enfatizar a pertinência do estudo-piloto em pesquisas qualitativas em educação musical e incentivar suas publicizações como forma de esclarecer os caminhos trilhados pelos(as) pesquisadores(as).

Palavras-chave: pesquisa-formação, (auto)biografia, escola.

Introdução

A realização de uma investigação exige do(a) pesquisador(a) uma atitude de autovigilância, reflexividade e ética. As fases de pesquisa devem ser acompanhadas de questionamentos e avaliações contínuas que fundamentam a posição do(a) investigador(a) frente às suas escolhas, que determinarão a coerência e validade do estudo. Para Godoy (2005), a busca de critérios de avaliação à pesquisa qualitativa é difícil, devido à multiplicidade de abordagens que estão presentes nesse tipo de pesquisa. Porém, baseada nos estudos



qualitativos básicos¹, classificados por Merriam (2002), a autora propõe alguns critérios que possam guiar a discussão sobre qualidade dos estudos qualitativos como:

Necessidade de clareza na apresentação dos pressupostos orientadores do paradigma qualitativo que dá sustentação ao estudo; **realização do estudo-piloto**; explicitação de como se desenvolveu o trabalho de campo e o processo analítico; consistência entre dados coletados e resultados; fornecimentos de dados ricos e abundantes; realização de checagens pelos participantes e pesquisadores; fornecimento de informações suficientes para que haja possibilidade de ocorrer a generalização naturalística; organização de arquivos que preservem os dados (GODOY, 2005, p. 89, grifo nosso).

Um dos critérios é a realização do estudo-piloto ou de contatos preliminares com o campo. Apesar da investigação qualitativa ter a confiabilidade externa perfeita impossível, ou seja, “à possibilidade do investigador descobrir os mesmos fenômenos ou elaborar idênticos construtos a partir de um cenário social análogo ou similar” ser impossível nesse tipo de pesquisa (GODOY, 2005, p. 83). Estudo-piloto possibilita ao(a) pesquisador(a) a validação de suas questões de pesquisa frente ao seu contexto. Para Canhota (2008), é por meio do estudo-piloto que é possível testar os procedimentos e instrumentos de coleta de dados, o que permitirá possíveis adaptações no método, quando necessárias, para a coleta de dados definitiva.

O estudo-piloto é definido por Canhota (2008, p. 69) como um meio “muito útil de elaborar ou testar o protocolo de investigação”. Além disso, o autor aponta a importância desse em evitar perda de tempo e dinheiro, frustrações e embaraços. Logo, esta comunicação tem como objetivo apresentar o estudo-piloto realizado e suas contribuições para a pesquisa em andamento com estagiários(as) de música.

Contatos preliminares com o campo

O estudo-piloto discutido neste artigo é a primeira fase de uma pesquisa de doutorado em andamento de natureza qualitativa, com princípios da pesquisa-formação

¹Para Merriam (2002) os estudos qualitativos básicos possuem quatro características fundamentais: 1) o interesse do pesquisador(a) em compreender os significados de mundo que os(as) participantes constroem; 2) o(a) pesquisador(a) é o principal instrumento de coleta e análise de dados; 3) o processo de pesquisa é essencialmente indutivo; e, 4) é um estudo descritivo, com rico detalhamento sobre a situação ou fenômeno estudado.



(auto)biográfica, que possui como temática a formação de professores(as) de música para o trabalho na escola básica. Seus colaboradores são estagiários(as) de um curso de Licenciatura em Música. Assim, o objetivo do estudo-piloto foi: experimentar a postura de pesquisadora em uma pesquisa-formação (auto)biográfica, e testar as dinâmicas e procedimentos pensados como motriz para narrativas orais e escritas de si em um Ateliê Biográfico de Projeto.

O contexto histórico-social que vivíamos no segundo semestre de 2021, quando o estudo foi realizado era ainda o de restrição causada pelo vírus Sars-Cov2. Desse modo, essa primeira-fase ocorreu de forma remota, com aqueles(as) que pudessem e que concordassem em participar da pesquisa. Inicialmente, entramos em contato via e-mail com seis professores(as) orientadores(as) de estágio de cursos de licenciatura em Música de quatro universidades públicas.

Ao todo foram enviados 38 convites para estagiários(as) do curso de Licenciatura em Música da UFMA (oito estagiários/as), UDESC (17 estagiários/as) e UNIPAMPA (13 Estagiários/as). Desses, quatro estudantes da UFMA aceitaram o convite, quatro da UDESC e um da UNIPAMPA, totalizando nove colaboradores(as). O horário foi escolhido por meio do aplicativo *Doodle*², sendo votado pela maioria o de terça-feira das 8:00 às 9:30. Participaram do estudo-piloto sete estagiários(as), sendo desses quatro da UDESC e três da UFMA. Os demais não puderam devido ao horário.

O estudo ocorreu com a aprovação do comitê de ética da UDESC, número de parecer: 5.122.941 e anuência das duas instituições. Os procedimentos éticos foram realizados segundo a resolução nº 510/2016 e as orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual, publicado em 2 de fevereiro de 2021 pela Comissão Nacional de Ética e Pesquisa (Ministério da Saúde). Os cinco encontros, denominados de rodas de conversa, ocorreram durante o período de 16 de novembro a 14 de dezembro de 2021, pela plataforma *Google Meet* com duração de 1 hora e 30 minutos cada um.

² É um questionário on-line gratuito que facilita marcação de reuniões e/ou encontros com vários participantes. Mais informações em: https://doodle.com/pt_BR/criar-questionario



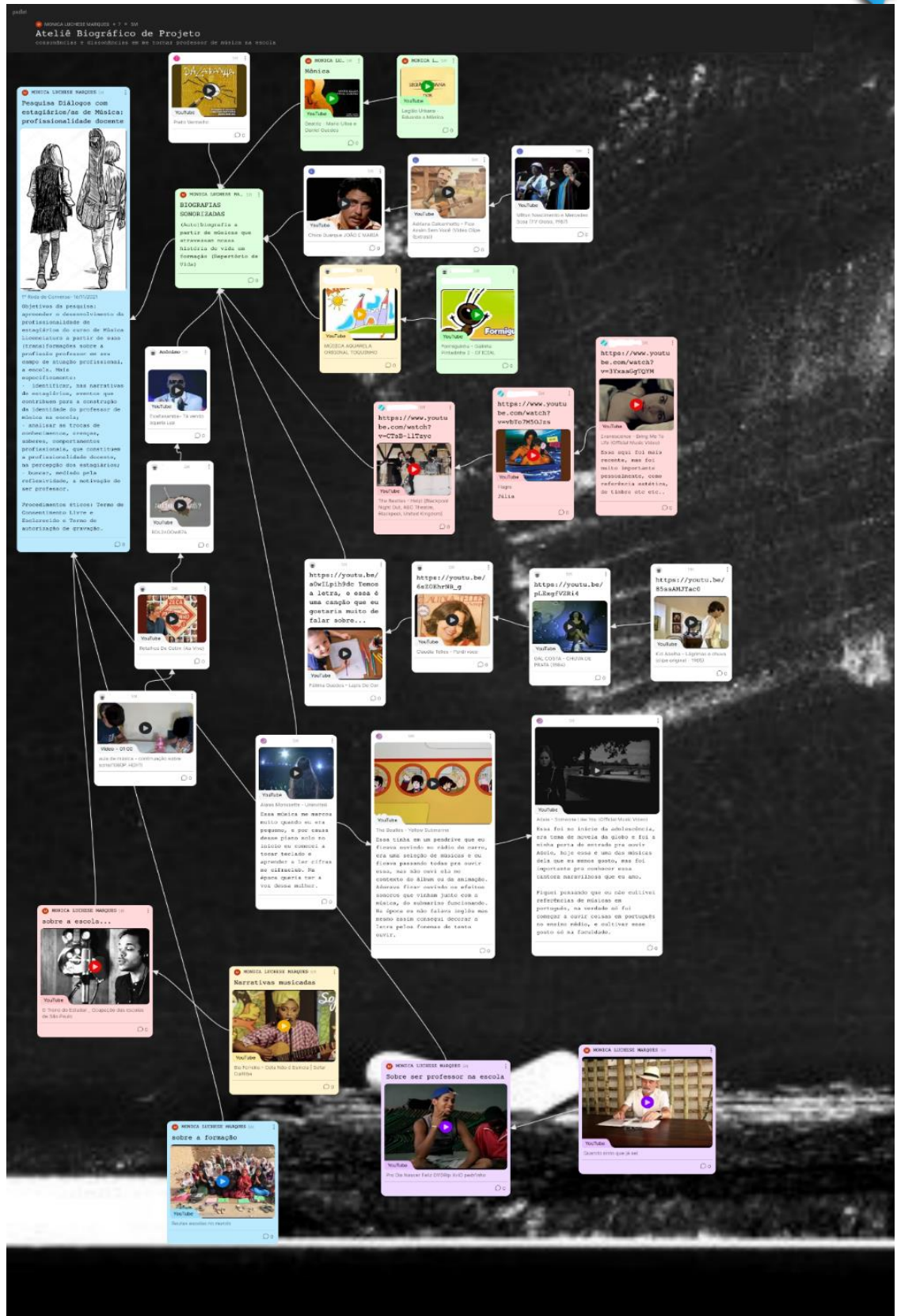
Etapas do estudo-piloto

As etapas da coleta de informações foram pensadas seguindo as propostas por Delory-Momberger (2006) para o Ateliê Biográfico de Projeto. Assim, pensamos em quatro eixos temáticos que levariam os(as) estudantes a refletir e dialogar sobre a profissão professor(a) de música na escola e suas histórias de vida em formação: 1) biografias sonorizadas, músicas apresentadas pelos(as) estudantes que contavam suas histórias de vida em formação; 2) narrativas musicadas, músicas que contam histórias de vida; 3) escola como campo de trabalho do professor(a) de música; e, 4) a profissão professor(a) de música. Para cada um desses eixos, para suscitar as discussões e reflexões, foram apresentadas músicas, trechos de filmes e documentários. A partir desses, os(as) colaboradores(as) eram estimulados a escrever suas (auto)biografias.

As músicas utilizadas foram: “Trono de estudar” de Dani Black, interpretada por vários artistas, foi considerada um hino durante o movimento estudantil de ocupação das escolas públicas por estudantes secundaristas, nos anos de 2015 e 2016, em diferentes regiões do Brasil; e, “Cota não é esmola” de Bia Ferreira, uma mulher preta que conta sua trajetória de vida. Os trechos de filmes escolhidos foram dos documentários: “Pro dia nascer feliz” (2006), direção de João Jardim; “Quando sinto que já sei” (2014), direção de Anderson Lima, Antônio Lovato e Raul Perez; e, um material publicitário que circulou em redes sociais em comemoração ao dia dos(as) professores(as) da agência Reuters escolas do mundo, que é um ensaio fotográfico de salas de aulas pelo mundo, de 2015. Além desses materiais propostos como motriz das rodas de conversas, os estagiários(as) traziam músicas e/ou composições que foram importantes em suas histórias de vida. Um dos estagiários trouxe uma música que compôs para sua atuação no estágio.

Esses momentos foram muito ricos de trocas e reconhecimentos entre os(as) colaboradores(as) do estudo e a pesquisadora. Todo o material selecionado era colocado semanalmente no *padlet*, um mural virtual que foi construído entre todos. (Figura 1).

Figura 1. *Padlet* construído durante o Ateliê Biográfico de Projeto



Fonte: autoras



O Ateliê biográfico de projeto é definido por Delory-Momberger (2006) como um procedimento metodológico (auto)biográfico para a condução da construção de experiências do sujeito e das histórias de vida em uma dinâmica que liga a sua temporalidade, que por meio do seu projeto social visa um futuro do sujeito. São momentos de narração³, biografização⁴ e heterobiografização⁵, organizados e coordenados pelo(a) investigador(a) e socializados em grupo. Pode ser utilizado na formação de adultos, acontece por meio de encontros com até 12 participantes e está dividido em seis etapas de execução.

A primeira etapa é a de esclarecimentos sobre a investigação e o ateliê biográfico. Deve-se partir de uma conversa, “conscientizada sobre a fala do outro”, ter cuidado com as emoções do(a) outro(a), demonstrar que existe uma corresponsabilidade do grupo, sendo necessário a descrição sobre tudo o que é narrado no Ateliê. A segunda, é a elaboração, negociação e a ratificação coletiva do “contrato biográfico” no interior do ateliê. Esse contrato, conforme explica Delory-Momberger (2006, p. 367), “[...] fixa as regras de funcionamento, enuncia a intenção auto-formadora, oficializa a relação consigo próprio e com o outro no grupo como uma relação de trabalho”.

A terceira e quarta, são as produções das narrativas autobiográficas e suas socializações. Diferentes formas de atividades são propostas, alternando as intervenções no grupo grande e pequeno. Delory-Momberger esclarece:

Essa primeira narrativa, de aproximadamente duas páginas, salienta o ‘rascunho’, o esboço, e representa o esqueleto da autobiografia posterior. As ‘histórias contadas’ são faladas (e não lidas) e questionadas no seio de grupos de três pessoas (tríades que permitem sair da relação dual projetiva e favorecem a emergência da fala). Elas estão relacionadas, ao mesmo tempo, aos projetos de que podem constituir a marca no passado dos participantes e àqueles que podem desenhar os contornos para o futuro. A finalidade dessa primeira narrativa é a de constituir um traçado para a escrita da segunda narrativa autobiográfica, que é o objeto de uma ‘encomenda’ para

³ Para Delory-Momberger (2006) “a narrativa é o lugar onde o indivíduo humano toma forma, onde ele elabora e experimenta a história de sua vida” (p.363)

⁴ Na pesquisa biográfica, a biografia é definida por Delory-Momberger (2011) como “uma dimensão do agir humano que permite aos indivíduos, dentro das condições de suas inserções sócio-históricas, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos” (p. 342). A partir desse conceito, a autora traz a biografização, como uma atividade de hermenêutica prática, como um “marco de estruturação e de significação da experiência que permite ao indivíduo criar uma história e uma forma própria – uma identidade ou individualidade – para si mesmo” (p.342).

⁵ A heterobiografização é “o trabalho de escuta ou de leitura de textos biográficos e dos efeitos de compreensão e de formação de si” (DELORY-MOMBERGER, 2019, p. 89).



o encontro seguinte, duas semanas mais tarde (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 367).

A quinta etapa é a da socialização da narrativa autobiográfica. Com o objetivo de ajudar o(a) autor(a) a construir sentido em sua narração, os participantes podem realizar perguntas enquanto escutam, no intuito de compreender a história e não interpretar a mesma. O narrador é conduzido a readaptar sem cessar sua história à lógica das pressões narrativas que lhe são impostas do exterior. Um dos 12 participantes escreverá toda a história relatada com suas indagações e perguntas realizadas pelo grupo. Depois, “cada participante procede, então, fora do ateliê, a redação ‘definitiva’ de sua autobiografia, sem exigências de tamanho ou forma” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 367).

A sexta etapa acontece em dois momentos. O primeiro, duas semanas depois, que é um tempo de síntese. Com os grupos pequenos, explica Delory-Momberger (2006, p. 367), “o projeto pessoal de cada um é co-explorado, realçado e nomeado”. Depois, com o grupo grande, cada participante expõe seu projeto. O segundo momento, e último, “marcado para um mês após o fim da sessão, faz um balanço de incidência da formação no projeto profissional de cada um” (Ibidem, p. 367). Segue a Tabela que resume todas essas etapas descritas:

Tabela 1. Etapas do Ateliê Biográfico de Projeto adaptado de Delory-Momberger (2006)

Etapas	Objetivos	Como
1º Etapa	Esclarecer a investigação e o ateliê biográfico de projeto	Por meio de uma conversa, “conscientizada sobre a fala do outro”, cuidadosa com as emoções do outro, demonstrar que existe uma corresponsabilidade do grupo, sendo necessário a descrição sobre tudo o que é narrado no Ateliê
2º Etapa	A elaboração, negociação e a ratificação coletiva do “contrato biográfico” no interior do ateliê	Por meio de uma conversa e listagem “[...] fixa as regras de funcionamento, enuncia a intenção auto-formadora, oficializa a relação consigo próprio e com o outro no grupo como uma relação de trabalho” (DELORY-MOMBERGER, p.367)
3º Etapa	Produção das narrativas (auto)biográficas oral e suas socializações.	Primeiro esboço da (auto)biografia de formação musical será questionada por dois participantes, para fomentar a reflexão do estagiário
4º Etapa	Produções das narrativas escritas autobiográficas e suas socializações	Segunda narrativa (auto)biográfica, a partir do esboço socializado.
5º Etapa	Socialização da narrativa autobiográfica com o grupo	Com o objetivo de ajudar o autor a construir sentido em sua narração, os participantes fazem questões enquanto escutam, no intuito de compreender a história e não interpretar a mesma. O narrador é conduzido a readaptar



		sem cessar sua história à lógica das pressões narrativas que lhe são impostas do exterior. Um dos participantes escreverá toda a história contada e suas indagações
6º	Nomeação do projeto	Com grupo grande, cada participante expõe seu projeto
Etapas		

Fonte: autoras

A partir das etapas descritas por Delory-Momberger (2006), realizamos três adaptações no estudo-piloto. A primeira foi a realização do Ateliê em cinco encontros, e não em seis como indicado. Isso se deu pela quantidade de estagiários(as), apenas sete, o que dificultaria a divisão em grupos menores e pela tentativa de realizar menos encontros devido à grande exposição que todos(as) estavam tendo ao computador no período pandêmico. A segunda, a função do secretário(a), aquele(a) que vai escrevendo tudo o que acontece nos encontros foi desmembrado por todos os(as) participantes. Decidimos que todos seriam o(a) secretário(a). Em duplas fixas, os(as) estagiários(as) ficaram responsáveis por escrever o que o(a) outro(a) falava. Cada um(a), então, receberia o texto do seu(sua) colega com todas as suas falas transcritas, da maneira como este(a) percebeu o discurso do(a) outro(a) e confrontou com a sua autobiografia, sua escrita de si, para a escrita de seu projeto biográfico.

Por último, não foi possível realizar a socialização da última versão das (auto)biografias escritas, o projeto biográfico. O(as)s estagiários(as) demonstravam cansaço e nem todos(as) enviaram sua última versão. Os(as) estudantes respondiam os e-mails dizendo que iriam enviar assim que terminasse o semestre acadêmico, pois alguns se encontravam no período de entrega de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), além de estarem cursando um dos estágios ou o estágio final. Assim, as agendas ficaram em tempos diferentes. Como se tratava de um estudo-piloto, o foco estava mais centrado no processo do procedimento metodológico e não na saturação dos dados e, portanto, não insistimos no envio.

Também, os períodos de intervalos sugeridos por Delory-Momberger (2006) entre as etapas não foram seguidos. Como o estudo-piloto foi realizado fora da disciplina, ou de um curso, ou algo que mantivesse o vínculo entre os(as) colaboradores(as) e, compreendendo que o período que estávamos vivendo era intenso, com relatos de cansaço, sobrecarga de telas e demandas de estudo e trabalho, planejamos nossos encontros de forma padronizada, para mudar o menos possível a rotina de todos(as) envolvidos(as).



Estagiários(as) de música

Participaram do estudo cinco homens e duas mulheres, todos matriculados em Estágio Curricular Supervisionado e atuando de maneira remota nas escolas, devido à pandemia. Todos(as) já atuavam como professores(as) de música, mas apenas um(a) tinha experiência de trabalho na escola de educação básica, na rede particular de ensino. Esse fato fazia com que a agenda dos estagiários(as) fosse mais difícil, pois ademais dos estudos, eles(as) trabalhavam. Dois(duas), além da fase do TCC, tinham acabado de fazer o ENADE, o que trouxe a discussão desse exame para as nossas conversas. Dois(duas) tiveram música na escola básica, em escolas particulares. Cinco eram cantores(as), um(a) cavaquinista e um(a) violonista. Cinco estavam entre a faixa dos 20 e 30 anos de idade, e dois(duas) acima dos 40. A situação social e econômica era diversa. Percebemos esse aspecto pelos encontros, observando o interior de suas casas nos vídeos: umas pintadas, outras sem reboco, umas com estantes cheias de livros e instrumentos, microfones, fones e cadeiras confortáveis. Alguns acompanhavam sempre pelo celular, por vezes emprestado, enquanto outros tinham computadores de mesa.

Um assunto que também marca nossos(as) colaboradores(as) e que foi frequente em todos os encontros foi a pandemia. Todos(as) já tinham pegado a COVID-19. No momento do estudo-piloto, alguns(algumas) já tinham tomado a primeira dose. Relatavam suas perdas familiares ou de pessoas próximas, suas mudanças de casa e suas dificuldades, principalmente como estudantes no acompanhamento das aulas, por diversos motivos, até mesmo devido ao sono, efeito do antibiótico receitado no tratamento da COVID-19.

Reflexões para o estudo em desenvolvimento

A escrita e leitura dos memorandos, que guiaram os encontros virtuais com os(as) estagiários(as), trouxe as seguintes categorias emergentes: significado da música na formação; significado do curso superior em Música; trabalho do(a) professor(a) de Música; trabalho com Música; Estágio; Música e política; Artista ativista; Família, escola e religião no processo formativo e no se tornar professor(a); Repertório; Lugar geográfico de fala; A escola que quero trabalhar. A partir dessas categorias, para a coleta de informações com o próximo grupo de estagiários(as), foram repensadas as estratégias de filmes e músicas a serem



compartilhadas entre eles(as), com a ênfase em documentários, textos, webnários e a limitação de duas músicas para serem apresentadas por cada estudante, uma de formação e outra de identificação. No estudo piloto não houve essa limitação, o que possibilitou uma maior ênfase nas biografias sonorizadas e em suas histórias de vida em formação.

Com a realização do estudo-piloto fez-se necessário retomar o estudo sobre o Ateliê Biográfico de Projeto, pois a escrita do projeto biográfico não foi realizada por todos(as) os(as) colaboradores e alguns(algumas) escreveram sem muitas reflexões, o que nos remeteu a um *release*, texto muito comum no meio artístico que apresenta, de forma resumida, sua trajetória musical. Houve uma maior preocupação em gerar as narrativas orais e suas biografias musicais do que a escrita de si. Percebemos de forma empírica o que a literatura já apontava, escrever a história de vida em formação de forma reflexiva não é tarefa fácil e precisa de um acompanhamento. Nas palavras de Souza,

A escrita da narrativa remete o sujeito a uma dimensão de autoescuta, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do conhecimento de si. É com base nessa perspectiva que a abordagem biográfica instaura-se como um movimento de investigação-formação, ao focar o processo de conhecimento e de formação que se vincula ao exercício de tomada de consciência por parte do sujeito, das itinerâncias e das aprendizagens ao longo da vida, as quais são expressas através de meta-reflexão do ato de narrar-se, dizer-se de si para si mesmo como uma evocação dos conhecimentos construídos nas suas experiências formadoras (SOUZA, 2004, p. 13).

Os(as) estagiários(as) tinham muita facilidade em realizar suas narrativas orais, porém a escrita, que precisava de mais tempo, disputou com suas agendas, já bem alteradas com as demandas de um mundo pandêmico, suas obrigações como estagiários(as) na escrita de planos de aulas, relatórios e demais atividades acadêmicas e de trabalho. Então, para a continuação da pesquisa, como acreditávamos que essas demandas seriam as mesmas do grupo piloto pensamos em começar o Ateliê com a socialização entre os(as) colaboradores(as) dos seus *releases* escritos, já como uma forma de apresentação e de primeiro texto compartilhado entre o grupo. E, a partir desse pequeno texto ir ampliando e refletindo sobre as histórias de vida em formação dos(as) estagiários(as). Como forma de ir acompanhando essa escrita reflexiva planejamos, momentos de leitura e socialização desse texto em



construção durante o semestre, sendo esses apresentados para os(as) estudantes com o cronograma da disciplina.

Decidimos que o Ateliê Biográfico de Projeto seria realizado na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado III, como uma ferramenta de coleta de informações e de formação. Planejamos expandir o tempo de reflexão e ter a abordagem (auto)biográfica, como fio condutor do processo de emancipação dos(as) estagiários(as). Assim, a disciplina foi toda pensada como um Ateliê Biográfico de Projeto, onde as seis etapas de Delory-Momberger (2006) estiveram presentes durante todo o semestre. Contemplando o próprio objetivo da disciplina e da pesquisa em desenvolvimento, o Estágio III foi escolhido, por ser um dos estágios realizados na escola pública de educação básica. Sua ementa, de acordo com o Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em Música da UDESC é:

A atuação do educador musical na construção de projetos políticos, pedagógicos e sociais. Articulação e atualização de saberes pedagógicos e musicais nas interações estabelecidas no campo de estágio. Desenvolvimento dos processos de reflexão na e sobre a ação docente. Problematização e investigação da prática docente, construindo esquemas de compreensão e análise do processo educativo. Análise, crítica e proposição de um projeto de educação musical para a escola básica. Construção e implementação de propostas de ação com os professores das escolas, numa dimensão coletiva e interdisciplinar. Registro e reflexão crítica sobre o processo de estágio (UDESC, 2012, 17-18).

Outro ponto de transformação foi quanto a postura de pesquisadora, em uma pesquisa-formação. Não é fácil compreender a função do silêncio, o momento de espera das respostas, deixar que os(as) colaboradores(as) interajam entre eles(as) e buscar a intersubjetividade entre os(as) estagiários(as). Sair da função de professora, escutar o que os(as) estudantes queriam falar sem induzir ou conduzir o pensamento deles(as) foi um processo de silenciamento interno muito grande. Entendemos que essa postura foi necessária para deixar mais claros os limites de fazer uma pesquisa com os(as) estagiários(as) e não uma investigação sobre eles(as).

Conter algumas perguntas e esperar foi um exercício grande, mas permitiu que todos se sentissem mais à vontade, que as trocas e os diálogos entre eles(as) se evidenciassem. Percebemos quanto é preciso escutar mais os(as) estudantes e compreender essa escuta



dentro do tempo de realização e reflexão de cada um(a). Esse tempo não é o mesmo para todos que participam de uma pesquisa, ele é único em cada colaborador(a) e pesquisador(a).

Considerações finais

A partir da apresentação e reflexão sobre a realização do estudo-piloto é possível perceber seu caráter exploratório, pois permitiu além da validação das questões pesquisadas, o seu redesenho, bem como alterações nas dinâmicas propostas no Ateliê Biográfico de Projeto, principalmente no que se refere à escrita das (auto)biografias reflexivas por parte dos(as) estagiários(as) e a reflexão sobre a postura da pesquisadora-professora. Logo, esse contato preliminar foi extremamente importante para a validação e testagem do procedimento de coleta de informações.

Concordamos com Filho e Barbosa (2019) e Danna (2012) que, por meio do estudo-piloto, refinamos nossa prática de pesquisa e desenvolvemos habilidades específicas nesse processo, como questões éticas, sensibilidade, técnicas de condução e escuta e destreza na comunicação com os(as) colaboradores(as). A compreensão da postura de pesquisadora só se deu a partir da experimentação do campo.

A busca de uma construção metodológica horizontal de pesquisa necessita do aprofundamento no campo estudado. Assim, o estudo-piloto permite a imersão nesse espaço com a função de pesquisador(a), sendo este agente e paciente que precisa estar atento a muitas formas de expressão e comunicação de seus(suas) colaboradores(as). Além disso, como ser em desenvolvimento, o(a) pesquisador(a) necessita de técnicas e conhecimentos específicos para realizar de forma mais efetiva e criteriosa sua coleta de informações. Assim, a testagem do método como forma de aperfeiçoamento desse sujeito torna-se uma ferramenta essencial para a segurança desse pesquisador(a), que influencia os demais critérios de qualidade na pesquisa qualitativa, apontados por Godoy (2005).

Mais especificamente, realizar o Ateliê Biográfico de Projeto em uma primeira fase de pesquisa, permitiu adaptações às etapas propostas por Delory-Momberger (2006) em ambiente remoto e a partir da experiência no piloto, novas adaptações para a coleta de informações na pesquisa de doutorado em desenvolvimento. Pois por se tratar de um procedimento metodológico e formativo intersubjetivo, a partir das características dos(as)



colaboradores(as) em nosso tempo presente, sentimos a necessidade de mais tempo para a escrita de si e da reflexividade, ou seja, o pensamento crítico, dos(as) estagiários(as). Essa necessidade nos levou a coletar as informações durante um semestre na disciplina de Estágio Supervisionado.

Por fim, acreditamos ser importante a publicização, por meio de publicação, de estudos-pilotos na educação musical de forma reflexiva como forma de contribuir para futuros estudos na área e de debates sobre a construção de métodos a partir da experimentação e do campo de estudo, explicitando os caminhos, acertos, erros, adaptações experienciados e escolhidos pelos(as) pesquisadores(a)s.



Referências

CANHOTA, C. Qual a importância do estudo piloto? In: SILVA, E. E.(Org.). *Investigação passo a passo: perguntas e respostas para investigação clínica*. Lisboa: APMCG, 2008. p. 69-72

DANNA, Cristiane Lisandra. O teste piloto: uma possibilidade metodológica e dialógica na pesquisa qualitativa em educação. In: I COLÓQUIO NACIONAL E VII ENCONTRO DO NÚCLEO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS (NEL) da FURB, 16, 2012, Blumenau. *Anais eletrônicos*.

Blumenau: FURB, 2012. Disponível em:

<https://www.tecnoevento.com.br/nel/anais/artigos/art16.pdf>. Acesso em 10/0/2022

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

FILHO, Analdino Pinheiro Silva; BARBOSA, Jonei Cerqueira. O potencial de um estudo piloto na pesquisa qualitativa. *Revista Eletrônica de Educação*, v.13, n.3, p. 1135-1155, set. /dez. 2019.

GODOY, Arilda Schmidt. Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa Qualitativa. In: *Gestão Org*, v3, n 2, mai/ago, 2005. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/gestaoorg/article/view/21573/18267>. Acesso em 10/08/2022.

SOUZA, Elizeu Clementino de. O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores. *Tese* (Doutorado em Educação). 344f, UFBA, 2004.

UDESC. Projeto Pedagógico Licenciatura em Música, 2012. Disponível em:

https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cpmenu/343/dmu_projeto_pedagogico_licenciatura_15052438546559_343.pdf. Acesso em 21/10/2022.